

44 Na volta, a eleição das Mesas

Encerrada a convocação extraordinária para a votação do Plano Verão, Câmara e Senado só deverão se reunir novamente no dia 14 de fevereiro quando elegerão suas novas mesas diretoras. No dia 15, o Congresso realiza sua primeira sessão do ano legislativo para receber, também, a mensagem sobre a situação da União, que o Presidente da República deve mandar-lhe mandar. Nesse documento, Sarney presta contas da administração no ano de 1988.

A disputa que mais desesperará interesse será a da sucessão de Ulysses na presidência da Câmara. Pela Constituição, o presidente da Casa é o substituto eventual de Sarney na Presidência da República, já que o País não possui vice-presidente desde a morte de Tancredo Neves. A escolha do novo presidente da Câmara encerra o longo consulado de Ulysses como contestável da República, que desempenha desde 1985, tendo acumulado neste tempo, as presidências do PMDB e da Assembléa Nacional Constituinte.

Três deputados disputam o cargo: Bernardo Cabral (PMDB-AM), Paulo Mincarone (PDMB-RS) e Paes de An-

drade (PMDB-CE). Desde dezembro do ano passado, o Planalto procura um candidato mais ao seu gosto. Aparentemente, desistiu já que o desgaste de Sarney entre os deputados é muito grande. Sintomaticamente, esta semana, um dos maiores articuladores de Sarney na Casa, o ministro do Desenvolvimento Industrial, Roberto Cardoso Alves, prometeu seu apoio a Mincarone.

Essa disputa poderá se complicar se a esquerda e setores independentes decidirem lançar um candidato próprio. Segundo o deputado José Genoino (PT-SP), esse candidato poderá ser o deputado Nélson Jobim (PMDB-RS). O primeiro nome a ser sondado, o do deputado Konder Reis (PDS-SC), afastou a hipótese de ter se comprometido com a candidatura de Cabral. O que a esquerda quer é um presidente da Câmara desvinculado do Planalto e comprometido com a regulamentação da Constituição.

Pela praxe parlamentar, todos os postos da Mesa (presidência, 1 e 2 vice-presidências, 1, 2, 3 e 4 secretarias e mais quatro suplências) são divididos proporcionalmente pelo tamanho das bancadas.

Nos dois primeiros anos dessa legislatura, o PMDB ficou com a Presidência, a 2ª Presidência, a 1ª Secretaria e a 3ª Secretaria, ocupadas respectivamente por Ulysses, Paulo Mincarone, Paes de Andrade e Heráclito Fortes. Ao PFL, restaram a 1ª vice-presidência (Homero Santos e agora Mauricio Campos) e a 2ª secretaria (Alberico Cordeiro). O PDS ficou com a 4ª secretaria (Cunha Bueno) e as quatro suplências foram divididas entre os pequenos partidos.

Outro complicador será, agora, a existência do PSDB, a terceira bancada da Câmara, com quarenta representantes. Os tucanos deverão reclamar um cargo na Mesa.

No Senado, a disputa será mais calma. Só dois senadores, Alfredo Campos (PMDB-MG) e Nélson Carneiro (PMDB-RJ) disputam a Presidência. Pela praxe, o atual presidente Humberto Lucena deverá presidir a comissão de Relações Exteriores, mas alguns peemedebistas juram que o representante da Paraíba está de olho na liderança do partido, ocupada agora por Ronan Tito (PMDB-MG).